

ESCREVIVÊNCIAS DA AFRO-BRASILIDADE: HISTÓRIA E MEMÓRIA.¹

“Quando a memória vai apanhar bocados de madeira seca, traz a lenha que muito bem lhe apraz...”²

Birago Diop

A história
do negro
é um traço
num abraço
de ferro e fogo.³

Adão Ventura

“Toda história é sempre
sua invenção
Qualquer memória é sempre
uma invasão do vazio”⁴

Leda Martins

Navegar nas águas da História é navegar nas águas da certeza (pelo menos é o que dizem os historiadores tradicionais). Navegar nas águas da memória é enfrentar as correntezas do mistério, do não provável, do impreciso. Entretanto, História e memória se confundem como elementos constitutivos de vários textos da literatura afro-brasileira. Como fenômenos distintos se entrecruzam, se confrontam, se complementam, ou mesmo, substituem um ao outro. Vários são os textos em que a memória, recriando um passado ocupa um espaço vazio, deixado pela ausência de informações históricas mais precisas. E esse passado recriado passa ser a constantemente amalgamado ao tempo e à história presentes. Nesse sentido o passado surge

¹ Publicado na Revista **Releitura** – ISSN1980-3354, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, novembro, nº 23, 2008

² DIOP, Birago, “As Mamas” in *Os contos de Amadou Koumba*, Coleção Vozes de África, Edição 70, Lisboa, Portugal, 1979, p.29

³ VENTURA, Adão, *Texturaafro*, Editora Lê, 1992, Parte III

⁴ MARTINS, Leda. fragmentos do poema Solstício, in Callallo, Vol.18,number, 4,p.986

como esforço de uma memória que está a construí-lo no presente. Tanto o passado remoto, como o passado recente, assim como o cotidiano, a matéria do hoje e do agora, tudo tentará preencher as ausências premeditadas e apagar as falas distorcidas de uma narrativa oficial, que poucas vezes se apresenta sob a ótica dos *dominados*.

Ecléa Bosi (1983, p.17) em seu estudo sobre a memória dos velhos afirma que na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas é refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho, nesse sentido a pesquisadora reforça os argumentos de Bérghson.. De Ecléa busco ainda outra reflexão, quando a pesquisadora abordando algumas considerações de Frederic Charles Bartlett, sobre a construção social da memória, diz:

“Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretações dos fatos, verdadeiros ‘universos de discursos’, ‘universos de significados’ que dão ao material uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história.”

Considerando as afirmações de Ecléa Bosi na leitura de várias criações literárias afro-brasileiras, se percebe um conjunto extenso de textos, em que o sujeito autoral se inscreve em uma postura coletiva, marcada pelo desejo, pela intenção de criar ‘universos de discursos’, ‘universos de significados’, inventados segundo a visão própria de um grupo. São textos discordantes do sentido da história oficial, e mais do que isto, são erigidos como contra-discursos literários à estereotipia que pesa sobre as personagens negras e sobre as formas culturais africanas e afro-brasileiras no interior de grandes obras da Literatura Brasileira. Se a fala do colonizador de ontem perpetua em expressões como *descobrimto*, *conquista*, *selvagens*, revelando uma história concebida por um olhar etnocêntrico e eurocêntrico, há um discurso poético, que imagina outra história, outro destino para os africanos que foram trazidos e escravizados nas Américas. Afirma-se a poética de uma memória recriada, reinventada e que busca refazer o caminho de volta à África, reencontrar os primeiros africanos chegados ao Brasil, construir heróis segundo outro entendimento da história e resgatar da tradição negro-africana um repertório de signos próprios para a sua poética

Ao fazer do passado matéria de poesia, a poética da memória, construída nos textos afro-brasileiros, remete-nos para o significado de *memória* dos gregos, exposta por Jaques Le

Goff, quando o historiador diz que “a poesia identificada com a memória, faz desta um saber e mesmo uma sagesa, uma **Sophia. (...) Mnemosine**, revelando ao poeta os segredos do passado,” e introduzindo-o “nos mistérios do além”. P

odemos entender ainda que, “a memória aparece então como um dom para os iniciados e **anamnesis**, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística.”⁵

A palavra poética, ao recordar o passado e ao sonhar o futuro, pode inventar outro destino para o homem. Para Aristóteles, o que diferenciava o historiador do poeta era que - enquanto um diz o que aconteceu, o outro diz o que poderia suceder.

No poema “Navio Negreiro” de Sonia Fátima da Conceição, a poetisa sonha outras causas para o carregamento humano que deixava a África. Negar o sofrimento pode ser uma forma de esperança e resistência.

Por força e comando
do **ORIXÁ** Maior
mudou-se o rumo dos ventos
desenharam-se nuvens no céu
E o mar foi colocado
em nossa direção.⁶

Já no poema de Oliveira Silveira, a memória clama por África, pelo útero-continente-materno. O eu poético, como um filho saudoso, lembra a mãe, alimentando a memória do “Elo”.

Aqui meu umbigo tímido
receptor de seiva
neste lado do mar
nesta longe placenta

⁵ LE GOFF, Jaques, “Memória” in *Enciclopédia Gunaudi. Vol. 1. História e Memória*, 1984, p.21

⁶ CONCEIÇÃO, Sonia Fátima, “Navio Negreiro”, *Cadernos Negros - 11 - Poemas*, 1988, p.69

E África lá está
na outra extremidade do cordão.⁷

Ao se observar a resistência da tradição cultural negra e a sua reelaboração, a sua reterritorialização no Brasil e outros países da diáspora africana, percebemos o caráter pessoal e coletivo da memória como possibilitador de construção de uma identidade.

Para Halbwachs⁸ existe uma parte de nossa memória individual construída pela sociedade e existe uma parte da sociedade que funciona como memória para nós. A memória individual é antes de tudo uma memória social. O testemunho de memória social vem de certa forma completar a memória individual. E é pela linguagem, - um dado social - que o processo de interação memória individual e social se completa.

A literatura afro-brasileira traz o registro de uma memória social, enquanto lembranças de vários indivíduos. Memória que permitiu um conhecimento de um sistema simbólico, que possibilitou uma reorganização do território negro da diáspora, através de uma mística negra, vivida em um tempo que escapa a uma medição cronológica, por se tratar de um tempo mítico.

No poema “Meu Pai”, de Adão Ventura, o sujeito poético relembra a imagem de um pai velho e cansado, que pode ser reconhecida, tanto em Serro, (Minas Gerais) como no bairro negro de Johannesburgo (África do Sul). Um pai que nasce das lembranças particulares, individuais do poeta, mas que tem moradia na memória, na história de quem ficou na África ou de quem forçosamente partiu.

(I)

meu pai já está velho
e cansado
em Sêro ou Soweto.

meu pai já está velho

⁷ SILVEIRA, Oliveira, “Elo” in *Schuarze Poesie - Poesia Negra*, Alemanha, Moema Parente Augel, 1988, p.60

⁸ NAMER, Gerarde, “*Memoire et Societé*” . Paris, Meridiens Kincksieck, 1987, p.11 a 79.

e cansado
ainda que faça sol
em Johannesburgo.

mas,
as suas mãos
ainda não estão
tão trêmulas,
ao ponto de errar o corpo
de um Mr. Vorster.⁹

A memória dos povos afro-descendentes nas Américas situa o sujeito na África e na diáspora, recompondo espaços e tempos múltiplos e diversos, devolvendo ao afro-descendente a sua origem pelo reconhecimento de seu passado.

A palavra poética ao reconstruir a história busca pela Mãe África e pelos filhos que foram divididos. Referência a África como lugar de origem ancestral, como também afirma prazerosamente as relações intra-diáspora. As manifestações culturais dos outros países, em que os descendentes dos povos africanos se fazem presentes na constituição da nação, são diariamente incorporadas pelo afro-brasileiro, principalmente no campo da música e da dança.

O **blue**, o **black soul**, o **funk**, o **rap** pertencentes ao mundo negro americano já são *coisas nossas*. O **reggae** e a filosofia **Rastafari** do negro jamaicano já estão no lazer e na conduta de muitos jovens negros brasileiros.

O Movimento **Black Power** americano, com a sua postura político-ideológica e estética de valorização e de construção da auto-estima do negro, com sua famosa frase, repleta de elogio étnico, **Black is beautiful**, teve grande influência no Movimento Negro brasileiro.

A memória revisitando a África e a diáspora permite ao eu poético, construído nos quatro poemas de Edmilson de Almeida Pereira, ir a Soweto, a Salvador, a Luanda e Nova Orleans, cruzando mares, experimentando espaços diversos.

⁹ VENTURA, Adão, *A cor da Pele* Edições do Autor, 1988 - Livro 3 - Raízes

SOWETO

O que parece frágil sabe reunir-se fortemente

O zinco espera a varanda que será
mas a madeira não é toda para montar
um abrigo de pétalas no jardim.

Por agora só a Constituição se contenta
em saber os centímetros de um girassol.

Um girassol é o sol colado ao zinco.

SALVADOR

sob os olhos divinos o mundo e sua carne se arranham

Em Salvador a manhã e uma oferenda ajuntam
os homens quando toda lei do mundo oculta
em cartões postais o esqueleto do outro.

Com a manhã o mar se oferece ao chão e o
pensar dos muitos cresce cidade adentro
as letras de seus olhos gravando como se lessem
a verdade dos deuses. Em Salvador o tempo.

LUANDA

ou por que uma cidade habita num homem

Os homens são banidos de sua terra e tornam
com o tempo mais velho: são homens crescidos
e sua vontade revendo a árvore que o vento
concebeu em suas ausências: um oceano não adia
um homem de sua árvore e a experiência que o
amplia ensina-lhe a orientação do mundo.

NOVA ORLEANS

como um canto transpõe a hipocrisia

A vida sabe o revés de uma tentativa
mas o incêndio da voz atenua a solidão
e o medo de um país incompreensivo.
Arde para resistir ao não e revelar-se
a alma que mais dentro do desespero
percebe o mundo e seu absurdo: só um *blue*
é justo e completo como um abraço. .¹⁰

A memória oral na África cumpre um papel importante nas relações sociais e se apresentou e se apresenta ainda hoje, ao lado de uma história já escrita, como um meio natural de conservação e propagação de uma história africana.

Essa prática social, responsável por soldar gerações diversas dentro e fora da África, acompanhará o homem africano na diáspora, onde o gesto de contador de histórias será repetido no novo território.

Considerar a memória e a oralidade como fontes incapazes ou extremamente frágeis para o registro da história é ignorar o fato de que as sociedades sem escrita são capazes de organizar sistemas e modos de vida com estruturas muitas vezes bastante complexas, e que a construção e a transmissão desse saber são sustentados por esses dois fenômenos.

A importância da palavra, da oralidade nas culturas africanas pode ser compreendida pela deferência que se dá ao **griot**. Ele tem um *status* especial na sociedade. Os **griots** da tradição africana tinham um papel fundamental na transmissão da história. Contavam sobre as genealogias de determinadas famílias, como também, graças ao poder, ao conhecimento que tinham das comunidades e da força de sua memória, podiam influenciar inclusive nas guerras, ao contar, ao rememorar os feitos guerreiros dos antepassados.

¹⁰ PEREIRA, Edmilsom de Almeida *Ô Lapassi & outros ritmos de ouvido*, Editora UFMG, BH, pp. 63,64,66,67.

Na tradição africana, a palavra é portadora de força - **axé**. Contar as histórias dos antepassados é também transmitir a força deles. Saber a tradição é estar protegido, fortalecido para “continuar ser aquilo que é e acredita ser”¹¹. A memória e o relato da história se transformam em lição, explicando o mundo e orientando a vida.

Existem intenções para criar e abrigar uma memória, assim como existem para criar um esquecimento. Tentar apagar a memória coletiva de um povo é querer impossibilitá-lo de apoderar-se de sua história, é desejar torná-lo vazio, torná-lo realmente *sem história*. A luta de um povo para conservar, para retomar a sua memória confunde-se com a luta pela sua emancipação, pela sua auto-determinação. A insistência do poder, seja ele no estado moderno ou no estado tradicional em manipular a memória do povo, indica que “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objetivo do poder”.¹²

A manipulação da memória pelo poder se revela pela manipulação da historiografia. A memória e a história que estão registradas são o registro do poder. Entretanto há momentos em que o poder permite *frinchas* por onde interpenetram a memória e a história que ele mesmo quer ver sufocadas.

Fato notório, sem dúvida forçado pela sociedade civil organizada e no caso específico o Movimento Negro, foi a força com que o símbolo de Zumbi de Palmares, nos seus *300 Anos de Imortalidade*, despertou o interesse de historiadores, literatos, comunicadores e ganhou a mídia. O imaginário em relação a Zumbi de Palmares, que já vinha lentamente extrapolando os limites do Movimento Negro, em 1995 atingiu foros de discussão pública e política, reavivando a história do negro e a história do povo brasileiro.

História e memória criam e abrigam uma força mágica do passado. E essa magia se torna mais sedutora, quando se conta os mitos de fundação, o passado ancestral de um povo. E então a história que está alojada na memória coletiva e que tem profunda relação com o mito, ganha significado através dele.

Nadel vê nas sociedades tradicionais, sem escrita, dois tipos de história: a “ideológica” e a “Objetiva”.¹³ A primeira, que é a memória coletiva, tende a confundir história e mito e os

¹¹ GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de “*Território da Diasporá Negra: espaços da Memória Imagem do Tempo*” mimeo, p.20, Depto de Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, SP.

¹² LE GOFF, Jaques. Op. Cit. p.46.

¹³ LE GOFF, Jaques. Op. Cit. p.47.

fatos se ordenam e se realizam de acordo com a tradição da comunidade. A segunda narra os fatos objetivos, dentro de uma ordem observável de relações e de sucessão, compreensíveis para historiadores e investigadores.

E os “homens-memórias”, que são ao mesmo tempo depositários tanto da história “ideológica”, como da “objetiva”, apontadas por Nadel, através da oralidade, continuam propagando as duas.

Na história da diáspora, podem-se ler reminiscências da história “ideológica” das culturas africanas: na cosmogonia negra, na procura deliberada de um passado ancestral, na valorização e no esforço de construção de heróis negros, na relação intra-diáspora (a memória de vários irmãos juntos pode reconstruir melhor a imagem da mãe), na nomeação dos filhos com nomes africanos - ato de reapropriação do nome próprio que os africanos e as africanas perderam ao ganhar um nome cristão dado pelo colonizador.

A reapropriação da linguagem pela retomada do próprio nome também foi muito significativa nos países africanos após a Independência quando eles buscaram os nomes de seus territórios, antes das invasões coloniais, como: Zimbabwe, Mali, Gana, Benin.

Reviver o passado, extrair da memória os fatos tais como eles aconteceram é tarefa impossível para a mente humana. A história e a memória, ao apresentarem a descrição de um evento passado, por mais que se aproximem da fidelidade descritiva do que aconteceu, estarão sob o domínio de um olhar que, condicionado pelo momento presente, mudará profunda ou levemente a incidência do foco.

Se a história e a memória são reconstruções do passado, vai ser reconstruído o que se deseja que se erga novamente, e estará fadado à morte o que não se deseja reconstruir. História e memória não são construções inocentes. Ambas podem determinar e cumprir objetivos.

Nos textos afro-brasileiros se torna visível a preferência temática por determinados assuntos e fatos pertinentes à história e à memória afrodescendentes no Brasil. Ao reconstruir a história, sob o ponto de vista dos afro-brasileiros, o escritor busca construir uma épica em que os heróis e os feitos estão relacionados à história do negro. O primeiro herói negro a receber as honras do povo é Zumbi dos Palmares, o maior representante épico da história negra. Sobre a construção de uma épica centrada em Zumbi dos Palmares, Zilá Bernd¹⁴ argumenta que, como o escravizado não podia por contingências históricas ser retratado e aceito como herói - porque era o escravo fugido, o fora-da-lei, o marginal - a louvação desse herói se constituiria, na

¹⁴ BERND, Zilá *Introdução à Literatura Negra*, Brasiliense, 1988, p.29

verdade, em uma antiépica, por ser um canto ao transgressor. Bernd ainda destaca outra inversão de valores: são os escravos vencidos que se tornam heróis. À argumentação de Bernd, acrescento um ponto de vista, apreendido após uma leitura do poema de Solano Trindade. Leio no canto épico do poeta afro-brasileiro a construção de outro modelo de heroicidade, aquela que não passa pela vitória imediata de um sujeito, mas pela resistência contínua de um povo que esse herói representa. Heroicidade da qual o poeta também participa. Na feitura do poema, através do canto se dá a continuidade da luta quilombola.

A redenção de Zumbi de Palmares proposta pela épica do poeta pode ser compreendida por uma frase lapidar que reverenciou Zumbi e foi incorporada em muitos dos eventos que homenageavam Zumbi e sua epopéia palmarina, em 1995. A solene frase: “300 anos da **IMORTALIDADE** de Zumbi de Palmares”, que teve origem em Salvador, ecoou durante os festejos comemorativos, em vários estados brasileiros. Consagrava-se a perenidade do herói, a comunidade afro-brasileira instituía a imortalidade do herói.

Solano Trindade em “Cantos dos Palmares” recoloca o herói no centro da cena e canta o fato-símbolo, não só da história do negro, mas de toda nação brasileira.

“Eu canto Palmares
sem inveja de Virgílio e Homero
e de Camões
porque o meu canto
é o grito de uma raça
em plena luta pela liberdade
(...)
o opressor
não pôde fechar a minha boca
nem maltratar meu corpo
meu poema
é contado através dos séculos
minha musa esclarece as consciências
Zumbi foi redimido...”¹⁵

¹⁵ BERND, Zilá, Fragmentos do poema “Cantos dos Palmares”, in Op. Cit., p.29

Jamu Minka no poema “Zumbabwe” reverencia Zumbi incorporando o nome do herói ao nome do país africano, Zimbábue. Ao propor para os dois nomes uma mesma raiz vocabular, o poeta relembra as raízes africanas de Zumbi. Ao longo do poema cruza espaços e tempos históricos diferentes quando atualiza Zumbi nas lutas e matas de Zimbabwe. Zumbi, herói da diáspora, presente nas lutas de independência de um país africano. Palmares existe em todo e em qualquer território onde se encontre o negro.

O exercício que o poeta realiza, fundindo vocábulos e criando novos símbolos que apontam para uma semântica negra, torna-se uma reapropriação da linguagem, assim como Zimbabwe reapropria o seu antigo nome que significa para os nativos - casa de pedra¹⁶ - e de sua história. Recuperar o seu antigo nome é dar-se o direito de se nomear, livrando-se da alcunha - Rodésia - dada pelo colonizador.

Zumbi habita em Zimbabwe. Zimbabwe pode ser Brasil.

“Zimba

Zumbi

Zumba...bwe

agora não mais Rodésia

aquela mancha branca desumana e voraz

corroendo África por dentro

amontoando lucro\$

esgotando vidas

felizmente não mais Rodésia

como a lembrar Palmares

a festejar Zumbi

agora Zumba Zimba...bwe

como Palmares a mata mais que refúgio

¹⁶

laboratório da vida nova
quartel de gente que renasceu
valente enfrentando a grana-lucro
que d'Europa veio invadindo tudo
juntar fortuna e espalhar miséria

agora não mais Rodésia
fim da vida subvívuda
na mata, escondido
um povo se organiza e decidido volta
recuperando tudo
Zimba
Zumba
Zumbi
Rodésia no fim
é Zimbabwe lembrando Zumbi.”¹⁷

Na reivindicação do passado o desejo de afirmação para o presente. A historiografia, muitas vezes, deliberadamente promove o esquecimento dos eventos relativos à história do negro brasileiro. A saga Palmarina que durou 100 anos não é devidamente destacada, apesar de sua importância para a História do Brasil. Outras organizações quilombolas foram esquecidas, levantes populares como “A Revolta da Chibata”, liderada pelo marinheiro negro João Cândido também é pouco lembrada. Mulheres como Dandara, Aqualtume, Luiza Mahin não são referenciadas pela história oficial, mas existiram e tiveram papéis merecedores de um registro histórico.

Um canto para Luiza Mahin, heroína da Revolta dos Malês, insurreição negra passada na Bahia, em 1935, surge criado por Miriam Alves. A mãe de Luis Gama é homenageada através do poema que busca uma reconstrução histórica da saga dos africanos e seus descendentes no Brasil.

¹⁷ MINKA, Jamu in *Schuarze Poesie - Poesia Negra*, p.154

Um dos fatos históricos que será mais contestado é a “Libertação dos Escravos” e o dia “13 de maio”. A Redentora não é louvada nas linhas da literatura afro-brasileira. O eu poético criado por Éle Semog não aceita o gesto da Princesa, no poema “Se ela faz eu desfaço”

A treze de maio
Fica decretado
Luto oficial na
Comunidade negra.
E serão vistos
Com maus olhos
Aqueles que comemorem,
Festivamente,
Esse treze inútil.
E fica o lembrete:
Liberdade se toma
Não se recebe
Dignidade se adquire
Não se concebe.”¹⁹

Quando em 1988, a história oficial e alguns órgãos públicos comemoravam o Centenário da Abolição, atividades, manifestações, questionamentos paralelos surgiram no Movimento Negro Organizado e em outros setores civis, denunciando as condições de vida do negro brasileiro. Apesar de tudo, as comemorações prosseguiram e os debates também.

A literatura afro-brasileira, como era de se esperar, não deixou de registrar poeticamente a data, vários textos surgiram sob diversas formas. O poeta Paulo Colina aponta a liberdade inconclusa dos afro-brasileiros e contrapõe a lembrança da resistência Quilombola de Palmares. Ao evocar a luta Palmarina, denuncia a inutilidade do gesto da Princesa. O passado e o presente se cruzam na travessia das ruas de S. Paulo, onde o poeta vive o seu “Pressentimento”.

¹⁹ SEMOG, Ele in *Atabaques*, Produção Independente de Ele Semog e José Carlos Limeira, 1979, p.110

Maio,
treze, mil oitocentos e oitenta e oito
me soam como um sussurro cósmico

A noite sobressaltada
por sirenes me sacode.

Reviro os bolsos à procura do passe
que me permite, São Paulo cruzar ruas
em latente paz.

A Princesa esqueceu de assinar
nossas carteiras de trabalho.
Desconfio, sim, que Palmares vivo
é necessário.²⁰

Reconstruir a história pela palavra poética é também entoar cantos de louvor para quem faz a História Contemporânea de África e da diáspora.

Zumbis de hoje guardam e orientam quilombos na África e em toda a América - Malcon X, Luther King, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mandela e outros.

Olhar para a história que acontece no solo africano é buscar uma melhor compreensão da nossa.

Marcio Barbosa canta para “Mandela”. O poeta sabe que todos os cárceres se parecem, assim como todas as vozes que dilaceram o tempo para gritar por liberdade.

²⁰ COLINA, Paulo. *A Noite Não Pede Licença*. Roswitha Kempf Editores, 1987, p.52

MANDELA (fragmentos)

I

Nenhum cárcere pode prender, entre paredes de pedra e musgo, a música das passeatas, a voz rebelde dos jovens, o beijo de amor das mulheres no rosto negro dos homens, a aurora do novo mundo nos bairros de lata e pólvora.

II

Não, nenhum cárcere tira aos homens os sonhos de liberdade. Os sonhos desafiam armas, o fogo não os dilacera, os homens vertem o sangue mas seguem a luta cantando.

IV

Qual cárcere pode prender o etéreo aroma da flor, o horrível rugido da fera, um róseo brilho do fogo, o carinho de uma criança nas mãos rugosas de um velho?

V

Pisa, sul da África, a nívea pele dos oceanos da brancura, invade as ricas cidades, derruba os prédios malditos, a música da vitória acorda todos os povos, seguiremos teu exemplo de luta e dignidade.

VI

Não, nenhum cárcere detém o crepúsculo ou impede a marcha sangrenta das horas.²¹

O silêncio que o invasor quis impor a África, a interrupção da fala que o colonizador pretendeu instituir na diáspora produziram os seus efeitos, mas a linguagem não é inerte. Sons, palavras dançam na boca da memória.

²¹ BARBOSA, Marcio "Mandela" in *Cadernos Negros 11 - Poemas*, 1988, pp.45-6

Referências bibliográficas:

- ALVES, Mirian “Mahin Amanhã” in *Cadernos Negros - 9 - Poemas*, São Paulo , Edição dos autores, (org) Quilombhoje,1986, p.46
- BERND, Zilá *Introdução à Literatura Negra*, Brasiliense, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983.
- DIOP, Birago, “As Mamas” in *Os contos de Amadou Koumba*, Coleção Vozes de África, Edição 70, Lisboa, Portugal, 1979.
- COLINA, Paulo. *A Noite Não Pede Licença*, São Paulo, Roswitha Kempf Editores, 1987.
- CONCEIÇÃO, Sonia Fátima, “Navio Negroiro”, *Cadernos Negros - 11 - Poemas*, São Paulo, Edição dos autores, (org) Quilombhoje, 1988.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de “*Território da Diasporá Negra: espaços da Memória Imagem do Tempo*” mimeo, p.20, Depto de Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília
- LE GOFF, Jaques, “Memória” in *Enciclopédia Guinaudi. Vol. 1. História e Memória*, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984
- MARTINS, Leda. “Solstício” in *Callaloo – Vol. 18 - Número 4 Literatura Afro-Brasileira*. Lousiana, Editora Universitária Johns Hopkins, 1995.
- MINKA, Jamu in *Schuarze Poesie - Poesia Negra*, p.154
- PEREIRA, Edmilsom de Almeida. *Ô Lapassi & outros ritmos de ouvido*, BH, Editora UFMG, 1970
- SEMOG, Ele in *Atabaques*, Produção Independente de Ele Semog e José Carlos Limeira, Rio de Janeiro, 1979.
- SILVEIRA, Oliveira, “Elo” in *Schuarze Poesie - Poesia Negra*, Alemanha, Moema Parente Augel, 1988.
- VENTURA, Adão, *A cor da Pele* Edições do Autor, 1988 - Livro 3 - Raízes
-----*Texturaafro*, Editora Lê, 1992, Parte III